

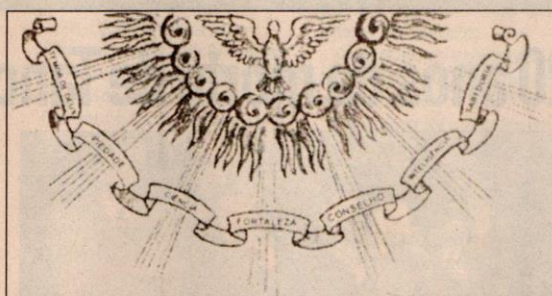
## Festa do Divino em Matosinhos (*Veni Sancte Spiritus*)

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO (\*)

Câmara Cascudo, em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, registrou que a Festa do Divino e as suas Foliás são de origens nobres, em Portugal, no século XIV, antes da reforma católica, na época da rainha d. Isabel (1271-1336). Lá a festa era uma das mais concorridas e veio chegar ao Brasil com o início da colonização lusitana.

O são-joanense José de Alencar Ávila Carvalho (*in memoriam*, 1925-2000) dizia ter buscado num teólogo e filósofo suíço, o jesuíta Hans Küng, uma base de reflexão sobre o Espírito Santo; Küng examinara meditações e cantos que datavam do século XIII, principalmente contidas no hino *Veni Sancte Spiritus*, onde se via a pluralidade das ações do Espírito Santo que é, em primeiro lugar, o portador da luz para a escuridão do mundo, o que ama os pobres etc.. O hino se compunha de dez quartinas de quatro versos: logo, quarenta ou mais invocações! Quem compôs o hino foi o arcebispo de Canterbury, Estêvão Langton. José de Alencar estava ciente, através de um outro teólogo, agora dominicano, pére Henri, que não devemos

quantificar simploriamente a Trindade somando: Pai + Filho + Espírito Santo (1+1+1=3). A Trindade é uma unidade de três faces, não de três partes. Nem podemos dizer que o Pai e o Filho geraram o Espírito Santo, como se este fosse pela metade pai e pela outra metade filho. Não há mecanismos no ministério da Trindade, mas vida comum, e é inútil querer oferecer (como Santo Agostinho) explicação do mistério trinitário: a graça une o que em aparência destaca as pessoas do golfo da Trindade três vezes Santíssima. Assim, terminando sua explicação sobre a Santíssima Trindade, Alencar afirmou que no século XII apareceu Gioachino de Fiori e fez um belo poema, explosivo de fé e alegria, prevendo as idades do mundo baseado nas três pessoas da Trindade, digamos, o Pai representado na Idade Antiga: a autoridade; o Filho na Idade Média: a penitência; o Espírito Santo na terceira idade, agora, fim do mundo: resgate de amor e alegria. Dizia que daqui é que vem o otimismo americano, católico sim, de organizar a Igreja Pentecostal, a Igreja da alegria, da ação coletiva, da



simplicidade.

Aqui em São João del-Rei, no bairro de Matosinhos, encerrando o tempo pascal, é organizada a Festa de Pentecostes, conhecida popularmente como a Festa do Divino. Esta festa, autoridade pelo Papa Pio VI em 1783 como "Jubileu Perpétuo do Divino Espírito Santo", foi celebrada com muita pompa e circunstância até o ano de 1924. De 1924 a 1998 as celebrações aconteciam, ainda que bastante discretas. Em 1998 um grupo de moradores do bairro, liderados pelo escultor sacro Osni Paiva e apoiados pelo pe. José Raimundo da Costa buscaram a reativação da festa

tal e qual ela acontece hoje: celebrações litúrgicas bem entrosadas com apresentações folclóricas e culturais!

É, assim, a Festa do Divino do bairro de Matosinhos, exemplo da religiosidade e do nosso povo em convivência harmoniosa com a devoção e a alegria contagiante dos grupos folclóricos e culturais. Creio que "não precisamos ter receio de mostrar a nossa liberdade no amor de Deus"; o bailado e a cantoria dos congados, assim como as celebrações litúrgicas mais tradicionais, são o nosso maior preito à terceiro pessoa da Santíssima Trindade.

Viva o Divino Espírito Santo!

(\*) Integrante do IHG e da Academia de Letras. O autor dedica este artigo aos valorosos e incansáveis integrantes da "Comissão Organizadora da Festa do Divino Espírito Santo" do Bairro de Matosinhos